



Universidade de Brasília

Instituto de Psicologia / SECADI/MEC

Curso de Especialização em Educação em e para os Direitos Humanos,

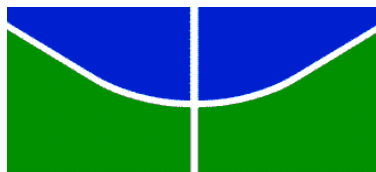
no contexto da Diversidade Cultural

MAÍRA MARTINS CORDEIRO

**SEXUALIDADE NA ESCOLA: CONTRIBUIÇÕES PARA A
BUSCA DA DIVERSIDADE**

Brasília/DF

2015



Universidade de Brasília

Instituto de Psicologia / SECADI/MEC

Curso de Especialização em Educação em e para os Direitos Humanos,

no contexto da Diversidade Cultural

MAÍRA MARTINS CORDEIRO

**SEXUALIDADE NA ESCOLA: CONTRIBUIÇÕES PARA A
BUSCA DA DIVERSIDADE**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Universidade de Brasília
(UnB), como requisito para obtenção do
grau de Especialista em Educação em e
para os Direitos Humanos no contexto da
Diversidade Cultural

Professora orientadora: Fabiany Glaura Alencar E Barbosa

Brasília/DF

2015

Cordeiro, Maíra Martins

Sexualidade na escola: contribuições para a busca da diversidade
/ Maíra Martins Cordeiro. – Brasília, 2015.

55 f. : il.

Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade de Brasília,
Instituto de Psicologia, 2015.

Orientador/a: Fabiany Glaura Alencar e Barbosa

1. Sexualidade. 2. Escola. 3. Direitos Humanos.



Universidade de Brasília

Instituto de Psicologia / SECADI/MEC

Curso de Especialização em Educação em e para os Direitos Humanos,

no contexto da Diversidade Cultural

O Trabalho de Conclusão de Curso de autoria de Maíra Martins Cordeiro, intitulado Sexualidade Na Escola: Contribuições Para A Busca Da Diversidade, submetido ao Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília, no âmbito da SECADI/MEC, como parte dos requisitos necessários para obtenção do grau de Especialista em Educação em e para os Direitos Humanos no Contexto da Diversidade Cultural, foi defendido e aprovado pela banca examinadora abaixo assinada:

Mestre Fabiany Glaura Alencar E Barbosa (Presidente)

Universidade de Brasília - UnB

Mestre Eric de Sales - (Examinador/a)

Universidade de Brasília – UnB

Brasília, novembro de 2015

Dedico este trabalho à minha família, que sempre me ensinou a respeitar e valorizar o outro. Dedico ao meu companheiro, que me ensinou a amar o diferente.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à tutora Cândida Beatriz Alves e à orientadora Fabiany Glaura Alencar e Barbosa pela paciência, pela disponibilidade e pela colaboração generosa. Aos professores Lucrécia Silva e Cristiano Lucas, pelas instigantes discussões no curso Cine-Diversidade. Ao apoio incondicional e ao incentivo dado por Márcio Henrique de Carvalho, Consuelo M. Cordeiro e Donald C. Cordeiro, que sempre me estimulam a buscar o conhecimento. Ao acolhimento dado pela família. Agradeço também à Universidade de Brasília, ao Instituto de Psicologia e ao MEC, por meio da SECADI, pela oportunidade de realizar este curso.

RESUMO

A presente pesquisa pretende avaliar a importância da discussão da sexualidade dentro do ambiente escolar no esforço de promover uma visão ampla da sexualidade e, conseqüentemente, o enfrentamento à discriminação homofóbica, a busca pela paridade de direitos e a construção de uma escola mais justa e igualitária. A pesquisa utiliza uma abordagem qualitativa com método de observação e entrevista não estruturada realizada com docentes da escola. Evidencia as violências sofridas por estudantes que fogem ao padrão heteronormativo dentro do ambiente escolar e aponta a necessidade da elaboração de projetos que abordem o tema da sexualidade para a promoção dos Direitos Humanos neste contexto.

Palavras-chave: Sexualidade; Escola; Direitos Humanos.

ABSTRACT

The purpose of this research is to evaluate the importance of the discussion of sexuality within the school environment in an effort to promote a broad view of sexuality and hence confront homophobic discrimination, the quest for equal rights and a more just and egalitarian school. This study uses a qualitative approach with unstructured interviews carried out with school teachers. This research highlights the violence suffered by students who are beyond the heteronormative standard within the school environment and points out the need to develop projects that address the theme of sexuality for the promotion of human rights in this context.

Keywords: Sexuality; School; Human rights.

SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO	10
1.1. Problematização	10
1.2. Justificativa	11
1.3. Objetivos de pesquisa	12
1.3.1. Objetivo geral:.....	12
1.3.2. Objetivos específicos:	12
1.4 . Metodologia	13
2. REVISÃO DA LITERATURA	17
2.1.Sexualidade e homossexualidade um breve histórico	17
2.2.Sexualidade e educação	20
2.3 Educação em e para os direitos humanos	23
3. AÇÕES INTERVENTIVAS	26
4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DO PROCESSO DE INTERVENÇÃO	34
5. COMENTÁRIOS FINAIS	39
REFERÊNCIAS	41
APÊNDICE	42

1.INTRODUÇÃO

1.1. Problematização

Como a falta de diálogo sobre a sexualidade contribui para a discriminação sexual dentro da escola no Ensino Fundamental?

A realidade das escolas públicas no Distrito Federal de forma geral se apresenta de forma a estimular a discriminação e o preconceito em relação a homossexualidade dos estudantes que nela estão inseridos e dos homossexuais que existem nas comunidades que a cercam. Quando a escola se nega a discutir questões fundamentais como a sexualidade expõe seus alunos a informações equivocadas e discriminatórias disseminadas nas comunidades em que vivem e nos meios de comunicação.

A escola se apresenta atualmente como um ambiente hostil aos seus estudantes que fogem do padrão heteronormativo, no qual sofrem diversos tipos de violência promovida tanto por outros alunos quanto por professores.

Este ambiente que deveria ser de inclusão se torna um ambiente de segregação e marginalização desestimulando os estudantes homossexuais a continuarem seus estudos ou tornando esta continuação uma experiência árdua.

Trabalhando diretamente com alunos do Ensino Fundamental pude perceber o quanto as muitas formas de discriminação permeiam o ambiente escolar. Identifiquei inúmeras reações discriminantes em relação a alunos homossexuais ou a alunos que não se afirmavam homossexuais mais apresentavam algum comportamento que de alguma forma fugia aos padrões heteronormativos.

Ao entrar em contato com a formação em Direitos Humanos pude perceber o quanto este tema da sexualidade/homossexualidade na escola se apresenta de forma imprescindível no contexto social atual. Estamos vivendo em um período em que cada avanço social de garantias de direitos LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros) é contraposto a notícias de violência contra essa comunidade. Logo, há uma necessidade de trabalharmos esse tema dentro do ambiente escolar para que possamos garantir uma formação mais humana para os nossos estudantes.

1.2. Justificativa

O presente trabalho tem como tema a escola e a negação da sexualidade/homossexualidade entre alunos do Ensino Fundamental. A sexualidade humana foi e ainda é um tema muito abordado e discutido por diversas culturas. Durante a história do homem a sexualidade foi vista de forma repressora e de forma libertária, sempre se alternando de acordo com o contexto. Na sociedade atual as discussões sobre a sexualidade se apresentam de forma mais natural, principalmente quando os temas são as relações heterossexuais. Entretanto, dentro da escola, nossos estudantes se encontram em um ambiente em que ainda é um tabu discutir certas questões relacionadas à sexualidade o que a torna um local propício à discriminações e violências a meninos e meninas que não seguem o modelo social aceito da heteronormatividade

Desta forma, estudar como a sexualidade é abordada dentro do ambiente escolar e qual o reflexo da falta de orientação e informações para os nossos alunos se torna fundamental, pois para criarmos na escola um ambiente de respeito aos direitos humanos precisamos informar e desmistificar os tabus relativos a sexualidade.

Em 2013 o Brasil foi apontado, por pesquisa do Grupo Gay da Bahia (GGB), como o país com maior registro de crimes homofóbicos do mundo. Existem casos de violência homofóbica apresentados frequentemente nos meios de comunicação brasileiros e muitos deles referem-se à violência contra a juventude LGBT.

Apresentando esta realidade infeliz torna-se clara a necessidade de escolher o tema da homofobia para a pesquisa. Apesar dos Direito Humano nos proporcionar temas interessantes para discussão a homofobia se mostra como um tema urgente, tanto pela frequência em que ocorre em nosso país, como pela crueldade dos casos, como pela falta de informações e discussão sobre o tema, quanto pela necessidade de lutarmos por uma sociedade mais diversa e igualitária.

Esta pesquisa buscará entender como a violência homofóbica ocorre na escola, quais suas consequências e se existem meios de se construir diferentes formas de se abordar o tema da sexualidade/homossexualidade desenvolvendo uma visão mais ampla e igualitária em relação a ela.

O CEF (Centro de Ensino Fundamental) Miguel Arcanjo foi a escola escolhida para ser o ambiente de estudo desta pesquisa por ser, primeiramente, uma escola que não possui nenhum tipo de projeto interventivo que tenha como tema a Sexualidade, muito menos a

discussão sobre as várias formas de sexualidade que não a heterossexual. Apesar disso, muitos alunos de oitavos e nonos anos já discutem abertamente, entre si e com alguns educadores, sobre sua própria sexualidade e sobre a sexualidade de colegas. Nesta escola existem vários casos de alunos que se assumem homossexuais e que conseguem, de alguma forma, conviver com o preconceito que lhes é imposto. Entretanto, existem inúmeros casos de alunos que ainda não definiram sua sexualidade, mas que são alvos constantes de violência.

Há uma parte do grupo de educadores desta escola que reconhece o problema da violência e do *bullying* em relação à orientação sexual dos alunos e que se mostra disposto a discutir essas questões e a propor estratégias que busquem diminuir esse tipo de violência dentro da escola.

Considerando a atual situação da população LGBT na nossa sociedade podemos perceber que esta violência se contrasta com a luta de diversas organizações que trabalham com os Direitos Humanos. Algumas ações positivas já podem ser observadas como por exemplo a campanha pelo casamento igualitário e a lei de identidade de gênero. Essas são questões que devem ser discutidas também na escola, já que muitos alunos são ou tem responsáveis e familiares homo, bi ou transexuais. Não podemos continuar ignorando dentro da comunidade escolar esses indivíduos que já são ignorados fora dela.

1.3. Objetivos de pesquisa

1.3.1. Objetivo geral:

Desenvolver no ambiente escolar ações que promovam uma visão ampla da sexualidade desmistificando os tabus relacionados a homossexualidade e criando um espaço de respeito à diversidade.

1.3.2. Objetivos específicos:

Verificar como a sexualidade é abordada dentro do ambiente escolar visando a inserção do tema relativo aos Direitos Humanos e diversidade;

Propor ações que busquem conscientizar os estudantes a respeito do tema sexualidade e, conseqüentemente, tornar o ambiente escolar mais respeitoso, civilizado e cordial para toda a comunidade escolar.

Contribuir com a formação de conhecimentos relacionados às várias formas de sexualidades visando ao enfrentamento à discriminação homofóbica e à busca da paridade

de direitos dos estudantes para a construção de um ambiente escolar mais justo e igualitário.

1.4 . Metodologia

Este projeto tem como meta desenvolver ações e procedimentos que busquem criar novos conhecimentos referentes a questão da sexualidade dentro do ambiente escolar por meio da investigação científica. Desta forma será desenvolvida uma pesquisa qualitativa, pois os aspectos numéricos e a quantificação de valores das informações coletadas não serão fundamentais para a pesquisa e sim a compreensão de como a sexualidade é percebida e entendida por um grupo de estudantes do Centro de Ensino Miguel Arcanjo. Segundo Silveira e Córdova “a pesquisa qualitativa preocupa-se, portanto, com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais”. (SILVEIRA e CÓRDOVA, 2009, p.32) De acordo com os objetivos estabelecidos o projeto desenvolverá uma pesquisa explicativa pois buscará aprofundar os conhecimentos sobre as questões da sexualidade no ambiente escolar a partir da explicação dos fenômenos observados. Será realizada uma pesquisa de campo na qual os dados serão coletados junto aos estudantes por meio de entrevista e dinâmicas e as fontes de informação serão bibliográficas e de campo.

A escolha desta metodologia se dá pela tentativa de compreender como a sexualidade é entendida pelos sujeitos pesquisados considerando a totalidade das informações captadas e tendo a subjetividade como parte importante da pesquisa.

O desenvolvimento de ações que visem promover uma visão mais ampla, respeitosa e sem preconceito da sexualidade se dará por meio de encontros presenciais com roda de conversa, aulas expositivas sobre o tema da sexualidade e dinâmicas/atividades referentes ao tema abordado. Se iniciará com uma roda de conversa que servirá como diagnóstico sobre como os estudantes veem e compreendem a sexualidade em suas vidas e no ambiente escolar. Serão realizados encontros com o aprofundamento teórico e a realização de dinâmicas que buscarão incentivar a reflexão sobre questões relativas ao tema. Portanto a pesquisa será realizada com enfoque qualitativo com caráter exploratório no qual os entrevistados poderão falar mais livremente sobre o tema. A verificação da forma como a

sexualidade vem sendo ou não abordada neste contexto escolar se dará pela análise do Projeto Político pedagógico da Escola e pelo diálogo com os estudantes.

As atividades descritas acima serão realizadas com um grupo de estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental do CEF Miguel Arcanjo. Os alunos são moradores de São Sebastião, região administrativa do Distrito Federal e proximidades, que estejam na faixa etária entre 13 a 16 anos dos sexos feminino e masculino.

O CEF Miguel Arcanjo foi, inicialmente, uma instituição criada em 2009 como uma escola provisória para atender os alunos de 6º ano (5ª série) do Ensino Fundamental que estava sem instituição escolar em São Sebastião pois não haviam participado da Tele Matrícula.

Primeiramente, para se atender oito turmas no período da manhã e oito no período da tarde, ocupou-se o espaço da Igreja Nossa Senhora da Aparecida, local totalmente inapropriado para ser uma escola. A estrutura física ainda estava em construção, algumas salas de aula e a sala dos professores não tinham piso, não havia espaço físico para secretaria ou direção, era na sala dos professores que toda a parte administrativa se encontrava. Havia um banheiro com somente duas cabines para todas as alunas e o mesmo para todos os alunos. Não havia cerca que impedisse os alunos de matarem aula, na hora do intervalo os alunos eram supervisionados pelos educadores, mas totalmente livres, caso quisesse ir embora, entretanto não havia casos de alunos matando aula. Os educadores usavam seus próprios computadores para arquivar os boletins e não tínhamos telefone, internet, material de expediente e a escola não recebia verba do governo. As avaliações eram rodadas em outras instituições de ensino.

A equipe de professores era formada por vinte educadores, dez efetivos e dez temporários, que, por trabalharem em uma escola que estava em desenvolvimento assumiram toda a responsabilidade pedagógica, organizacional, de segurança, enfim, tinham que tomar todas as decisões referentes ao dia-a-dia da escola. Apesar desse desafio, o grupo de educadores era muito coeso e conseguiu desenvolver uma habilidade enorme para resolver problemas. Essa unidade, colaboração e trabalho em conjunto dos educadores criou uma cara para a escola e para os estudantes que ali estavam e ajudou muito no processo de desenvolvimento do CEF Miguel Arcanjo.

Em julho de 2009 houve uma mudança da Igreja Nossa Senhora da Aparecida para o prédio anexo do CAIC. Lá foram sanadas muitas dificuldades em relação à estrutura, entretanto, não havia espaço para os alunos realizarem as aulas de educação física e a escola ainda não recebia nenhum tipo de verba. Em fevereiro de 2010 houve a mudança da instituição para o prédio no qual o CEF Miguel Arcanjo está realizando as atividades de docência até hoje.

No ano de 2010 o número de alunos da escola duplicou e foram introduzidas as classes especiais, com alunos com deficiências múltiplas. Em 2011 foi aberta uma turma da Oficina Sócio Profissionalizante que integrou de forma mais eficiente os alunos das classes especiais.

Apesar do avanço estrutural a escola ainda convivia com problemas de falta de recursos materiais, falta de uma linha telefônica que só foi instalada em 2012 e falta de uma quadra poliesportiva que só foi construída em 2013 com os próprios recursos da escola. Entretanto, todas essas adversidades não impediram os educadores de realizarem um bom trabalho pedagógico e incentivarem os estudantes a participarem de eventos que mostraram a força da instituição: um curta metragem premiado no Projeto Câmara Ligada, alunos premiados com primeiro e segundo lugares num concurso com mais de dois mil participantes num Concurso de Desenho da Galeria de Exposições ECO, equipes de atletismo premiadas nos Jogos Escolares do DF e no JESS.

Atualmente, a escola, que já recebe a verba do governo, pôde se estruturar de forma a proporcionar aos estudantes o acesso a televisão, dvd e datashow. Com a chegada do IFB, que utiliza o espaço da escola no período noturno, houve também a disponibilização de computadores na sala de leitura para os estudantes.

Os educadores do CEF Miguel Arcanjo sempre buscaram trabalhar com projetos que pudessem fazer alguma diferença na vida dos estudantes dessa comunidade, logo, desenvolveram várias atividades, que estão contempladas no Projeto Político Pedagógico da instituição como o Projeto de Prevenção contra o *Bullying*, já que a realidade de São Sebastião é bastante violenta. O Projeto Horta é desenvolvido pelos alunos das classes especiais com a ajuda de estudantes das classes regulares e alguns funcionários da limpeza da escola. O Projeto de Leitura e Produção de Texto é contemplado nas aulas de PD (Prática Diversificada) como tem um horário semanal em que toda a escola para para ler

um texto escolhido de acordo com a necessidade de temas que surgem no decorrer do bimestre. O Sarau Cultural ocorre no mês de outubro e busca valorizar os talentos artísticos dos estudantes que sabem cantar, declamar e criar poesia, dançar, enfim, que queira expor algum talento artístico. Trabalhamos em Salas Ambientadas para que o estudante possa ter uma sala adequadamente decorada com assuntos que são abordados durante o ano em cada disciplina e na qual os trabalhos realizados possam ser expostos. Atualmente, com a chegada de um novo grupo de professores efetivos em 2014, há aulas de Capoeira e Aikido, oferecidas aos estudantes em turno contrário.

O CEF Miguel Arcanjo é, como se pode observar, uma escola viva, que busca proporcionar aos seus estudantes um ambiente de atividades interessantes e diferentes, que busca minimizar os efeitos nocivos da comunidade em que se localiza e valorizar as qualidades. Muitas vezes as atividades propostas no PPP são realizadas de forma improvisada, apesar de estarem no PPP há anos, mas mesmo assim podemos perceber uma adesão enorme dos estudantes tanto nas atividades artísticas quanto nas esportivas. Enfrentamos, como qualquer escola, muitas dificuldades no dia-a-dia, como a presença de drogas e de furtos, o descaso de alguns estudantes com as aulas e com os educadores, a falta da presença dos pais na escola. No entanto, os alunos gostam de ir para escola, as reposições de aulas aos sábados estão sempre cheias e recebemos visitas de ex-alunos diariamente. Para nós esse amor dos alunos pela escola é o que é mais significativo.

2. REVISÃO DA LITERATURA

Considerando que o presente trabalho busca analisar a forma como a sexualidade é trabalhada dentro do ambiente escolar do CEF Miguel Arcanjo torna-se necessário estudar como a mesma pode ser entendida e explicada desde tempos remotos até a atualidade. Logo, será apresentado um breve percurso sobre a sexualidade humana desde a Grécia até a contemporaneidade com enfoque nas relações homoafetivas.

Posteriormente serão apresentadas algumas informações que mostram como a escola se torna comumente um local no qual a reprodução de preconceitos sociais relacionados a diversidade da sexualidade é ignorada e muitas vezes permitida. Ao se negar a discussão da sexualidade com os estudantes a escola pode estar abrindo espaço para que ideias e padrões sociais equivocados sejam propagados de forma a desrespeitar a multiplicidade dos alunos que a frequentam.

Por fim, é de fundamental importância refletir sobre a necessidade de uma educação voltada para os Direitos Humanos. Logo, serão feitas considerações a respeito da formação mais ampla do indivíduo que se encontra na escola por meio da educação em e para os Direitos Humanos.

2.1. Sexualidade e homossexualidade um breve histórico

A palavra sexualidade abrange inúmeros significados. Pode ser utilizada para denominar questões referentes à morfologia e ao instinto. Também designa comportamentos, atitudes e orientações relacionadas ao sexo. Se associa ao desejo, prazer, satisfação e ao controle, poder, opressão.

O conceito de sexualidade humana, por incorporar tantos significados, é mutável, se transforma durante o tempo. Em cada sociedade e época esse conceito se modifica tornando-se mais rígido ou liberal, muitas vezes alternando esses dois movimentos dentro de uma mesma sociedade. A família, a Igreja e o Estado sempre controlaram a sexualidade dos indivíduos definindo as regras sexuais. Logo, podemos compreender que a sexualidade é uma construção histórica e social. Segundo Foucault:

A sexualidade é o nome que se pode dar a um dispositivo histórico: não à realidade subterrânea que se apreende com dificuldade, mas à grande rede da

superfície em que a estimulação de dois corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências encadeiam-se uns aos outros segundo algumas grandes estratégias de saber e poder. (FOUCAULT, 1988, p.100)

Desta forma, percebemos que a sexualidade foi controlada e usada para rotular os indivíduos como normais ou perversos, adequados ou inadequados, sãos ou loucos. Foucault (1988, p.98) evidencia que houveram inúmeras formas de controle social que buscaram formas de limitar a sexualidade dos indivíduos ao sexo heterossexual, com finalidades procriativas e matrimoniais.

Se a sexualidade como um todo foi reprimida, incluindo a heterossexualidade, há que se imaginar o que aconteceu com os padrões sexuais considerados “desviantes” como a homossexualidade, o a bissexualidade, o travestimento etc. Durante vários períodos da história o sexo homossexual foi considerado inadequado, desajustado e até mesmo ilegal. Entretanto, em algumas sociedades a homossexualidade foi vista como um comportamento, se não normal, pouco questionável. Na Grécia antiga, por exemplo, a relação entre homens era considerada nobre (JESUS et al., 2008). Entretanto, nem todas as formas de relações homoafetiva era bem vista na Grécia:

Como regra geral, um homem mais velho era o parceiro ativo e um jovem, o passivo [...] o sexo entre parceiros socialmente equivalentes não era visto apenas como algo essencialmente não grego: por vezes beirava uma atividade não humana. (ENDJSO, 2014, p.162)

Assim como a relação entre parceiros socialmente equivalentes não era bem vista na Grécia o sexo entre mulheres era considerado praticamente anormal. Endjso (2014) ressalta que a sexualidade implicava no ato com penetração, logo o sexo lésbico era considerado abjeto.

Depois do período da cultura Grega podemos perceber um aumento da intransigência em relação à homossexualidade (com ênfase na masculina) com o surgimento e avanço das religiões, principalmente das ocidentais. Endjso afirma que:

A pena de morte prevista na Bíblia para o sexo com penetração entre homens, devido às leis de pureza religiosas ou a um controle mais amplo da sexualidade, é também o ponto de partida para a intensa condenação do sexo intragênero por grande parte dos judeus, cristãos e muçumanos. (ENDJSO, 2014, p.177)

Nota-se, portanto, que é na religião católica que a aversão ao sexo homossexual se dá de forma mais violenta. Segundo o autor:

A tradicional postura cristã diante da homossexualidade foi de condenação e perseguição, das formas mais letais possíveis. Com base em uns poucos

versículos um tanto ambíguos da Bíblia, a cristandade construiu uma tradição de repressão ao sexo entre pessoas do mesmo gênero, particularmente entre homens. Enquanto o judaísmo, que divide a mesma origem bíblica, adotou uma postura mais tolerante ao sexo intragênero, o cristianismo caracterizou-se por empreender perseguições sangrentas ao longo de diversos momentos históricos. A repressão à homossexualidade passou a ser uma pedra de toque da religião. (ENDJSO, 2014, p.190)

Endjso (2014) assegura que atualmente a homossexualidade é bem tolerada pelos judeus liberais. Há, nesta vertente do judaísmo, fiéis e rabinos gays. Mesmo com essa realidade ainda é possível perceber um forte preconceito contra as relações homoafetivas entre os judeus, principalmente entre os conservadores.

O autor afirma também que apesar de em países mulçumanos o sexo entre homens ser punido com morte, 16% dos iranianos já admitiram ter tido experiências homossexuais. Atualmente se espera que o homem não abandone o papel de “homem ativo”, e mantenha suas relações homoafetivas no âmbito estritamente privado. Mesmo assim, a homossexualidade é duramente condenada.

Enquanto a Igreja e o Estado procuravam controlar, reprimir e orientar a sexualidade dos cidadãos os mesmos começaram a buscar seus direitos manifestando-se e empenhando-se na conquista de experimentar diferentes formas de viver e de se relacionar. A busca por esses direitos desencadeou o que se conhece por Revolução Sexual ocorrida em meados dos anos 60 e 70. Esta revolução lançou uma luz sobre a sexualidade de uma maneira mais ampla revisando os papéis sexuais, principalmente o papel social da mulher, dos relacionamentos afetivos e da família com o surgimento dos anticoncepcionais.

Posteriormente surgiu o Movimento Gay deflagrado pelo conflito conhecido como Revolta de *Stonewall* no qual uma casa noturna gay de Nova York foi invadida pela polícia que agiu com violência contra o público que frequentava o local. Entretanto, os frequentadores, cansados das constantes ações homofóbicas da polícia resolveram enfrenta-la o que gerou um grande conflito. Nas noites seguintes o conflito gerou a adesão e manifestação de mais de mil pessoas nas ruas se tornando o marco inicial do movimento gay em Nova York e sucessivamente a data em que se é celebrado o Dia do Orgulho Gay no mundo.

A despeito de presenciarmos um passado violento em relação às sexualidades que fogem ao padrão heteronormativo podemos afirmar que a aceitação em relação a elas está se tornando uma luta cada vez mais possível. O casamento gay, por exemplo, já pode ser

observado em diversos países como Holanda, Bélgica, Espanha, Canadá, África do Sul, Noruega, Suécia, Portugal, Islândia, Argentina, Dinamarca, Uruguai, Nova Zelândia, França e em alguns estados dos Estados Unidos.

Se considerarmos que a homossexualidade já foi classificada como uma doença mental e física, que homossexuais já foram assassinados, presos e torturados com anuência do Estado podemos perceber um avanço em relação às conquistas da causa LGBT. Não podemos, entretanto, achar que é aceitável a forma como as pessoas diversoafetivas são tratadas, nem fechar os olhos para as notícias de agressão e violência constantes que vemos na mídia. Apesar do Estado não punir mais os homossexuais com morte, tortura ou prisão este grupo ainda é comumente assassinado por sua orientação sexual e pouca coisa se tem feito a respeito, quando consideramos as leis de proteção que existem. O Brasil foi considerado o país em que ocorrem mais homicídios de homossexuais no mundo, 313 assassinatos em 2014, segundo o levantamento feito pelo Grupo Gay da Bahia (GGB), com um homossexual assassinado a cada dois dias. Essa realidade nos mostra que temos que caminhar na luta contra a homofobia, buscando desenvolver nas pessoas uma visão mais ampla de sexualidade, diminuindo assim a discriminação e os crimes relacionados a orientação sexual e promovendo discussões e ações que busquem valorizar a diversidade sexual.

2.2. Sexualidade e educação

A escola se constitui em um espaço no qual ideias são construídas e questionadas e onde conhecimentos são desenvolvidos. Entretanto, esse ambiente reflete diretamente a sociedade em que está inserido, assim como está vinculado às formas de poder que regem a sociedade. Os conhecimentos produzidos dentro do ambiente escolar devem ser analisados considerando quem os propõem e para quem são propostos.

Conseqüentemente, alguns temas são propostos e outros são “esquecidos”, afinal os temas são escolhidos de acordo com o perfil da comunidade, da escola, do corpo docente e do educador. Um dos temas mais ignorados dentro da escola é o da sexualidade. Há um grande tabu ao se propor discutir o tema da sexualidade nesse ambiente, principalmente os relacionados às questões diverso afetivas e de gênero. Segundo Jesus et al.:

Embora perpassem todas as interações no interior da escola, as relações de gênero são pouco discutidas enquanto relações de poder e de hierarquia entre

homens e mulheres. Na realidade, estão ainda ancoradas na ideia de que os papéis masculinos e femininos são naturais. (JESUS et al., 2008 p.10)

Desta forma presenciamos diversas situações de preconceito, violência, *bullying* e discriminação misógina e homofóbica no ambiente escolar que gera exclusão, evasão e desigualdade em relação aos indivíduos sexodiversos.

Por falta de formação, informação e uma visão mais voltada para os direitos humanos este tema imprescindível normalmente é abordado de forma bastante superficial. Muitas vezes o educador acaba reproduzindo informações preconceituosas em sala de aula fazendo um desserviço para a sociedade de forma geral. A sexualidade em si é vista como um tema desagradável por uma maioria de educadores. De acordo com Jesus et al.:

Alarmantes são também os indicadores da pesquisa *Perfil dos professores brasileiros: o que fazem, o que pensam, o que almejam*, também realizada pela Unesco. Dos/as educadores/as que participaram da pesquisa, 59,7% declararam ser inadmissível que uma pessoa tenha experiências homossexuais (Abramovay, 2004). Essa intolerância à diversidade de orientações sexuais torna-se tão cruel a ponto de impor a muitos/as jovens uma vida de sofrimento e exclusão, com desrespeito a seus direitos sexuais e reprodutivos. (JESUS et al., 2008 p.10,11)

Muitos afirmam não estarem preparados para abordar esse tema, ou não serem obrigados a abordá-lo por não ser um tema essencial em sua disciplina. O fato de um número significativo de escolas não apresentarem projetos específicos em relação à sexualidade em seus Projetos Políticos Pedagógicos também serve de desculpas para que os educadores e orientadores escolares não se sintam obrigados e abordar o tema. Segundo Furlani:

Na Escola, “sexo”, “sexualidade” e, acrescento, “gênero”, são assuntos, ao mesmo tempo, de difícil abordagem e de completo fascínio. Mexem com o pavor e o pânico das/os educadoras/res mais conservadoras/es e desatentas/os, ao mesmo tempo em que aguçam e estimulam desejos e prazeres de um mundo, para muitos, pouco explorado, desconhecido ou ignorado.[...] Quer sejam tomados como identidades culturais (constituidoras dos sujeitos) ou como temáticas (à Educação Sexual), penso que “sexo”, “sexualidade” e “gênero” podem ser pensados como monstros curriculares – assim como todo e qualquer assunto marcado pela polêmica, pela provisoriedade, pela normatização, pelo olhar moral, pela regulação social. (FURLANI, 2007, p.275)

Os livros didáticos também não colaboram para a produção de ideias que contribuam para uma visão ampla em relação à sexualidade. Muitos ensinam de forma limitada o que é ser “homem” e “mulher”, quais são os papéis sociais que devem ser seguidos e como deve ser vivida e experimentada a sexualidade. Esse tipo de informação serve para desenvolver um tipo bem específico de sujeito, o heterossexual e tudo que não segue este padrão é considerado errado.

A escola nega a sexualidade dos estudantes para não ter que discuti-la o que acarreta, obviamente, na formação deturpada de ideias e conhecimentos que gera vários tipos de transtornos dentro desse ambiente. Segundo Jesus et al.:

Pesquisa realizada pela Unesco, em 2004, sobre juventude e sexualidade mostrou que cerca de 1/4 dos/as alunos/as não gostaria de ter um colega de classe homossexual. A violência contra homossexuais é considerada a terceira violência mais grave pelas jovens e a sexta pelos rapazes. (JESUS et al., 2008, p.10)

Essa ausência de discussão sobre esse tema na escola torna esse ambiente hostil para todos os estudantes que não se encaixam nos “padrões” estabelecidos pela sociedade. A discriminação abrange desde casos de gravidez na adolescência que se tornam frequentes e recorrente, pois, não há orientação sexual, à violência contra a mulher, e aos alunos LGBT que são excluídos e acabam muitas vezes caminhando para a evasão escolar.

Existem atualmente vários cursos de formação oferecidos pela Secretaria do Estado de Educação do Distrito Federal que buscam orientar os professores para uma formação voltada para o respeito à diversidade, o que nos mostra uma preocupação da SEEDF em minimizar os conflitos existentes nas escolas. Entretanto, os meios de comunicação são muitas vezes usados para a disseminação da intolerância e nossos jovens também são influenciados por esse tipo de informação. Segundo Nascimento e Delmondez:

Se por um lado há uma disseminação no campo da educação em torno de uma abordagem em prol da tolerância e do respeito para com a diversidade cultural; por outro, proliferam-se as atitudes de violência contra as pessoas que se encontram fora dos padrões e das normas culturais da sociedade em que se vive. O intenso processo de globalização no qual vivemos, no presente, tenta impor a classificação dos comportamentos e dos corpos, além da homogeneização das pessoas e das culturas. (NASCIMENTO e DELMONDEZ, 2014, p.5)

A visão usual da sociedade de que a homossexualidade não é normal apoiada pelas ideias equivocadas compartilhadas nos meios de comunicação e pelo fundamentalismo religioso condena tudo que foge à heteronormatividade tornando a violência e intolerância aos homossexuais, bissexuais, transexuais, etc. num comportamento natural e até mesmo aceitável. Essa falta de aceitação à diversidade tem se apresentado como um grande problema social.

Logo, a construção e implementação de projetos afirmativos que busquem discutir as questões relacionadas à sexualidade e aos padrões estabelecidos pela sociedade se tornam fundamentais na escola. Esses projetos devem visar uma educação libertária propondo reflexões sobre a homofobia, gênero, sexismo assim como a violência contra a

mulher. O currículo escolar deve priorizar o desenvolvimento de um sujeito que esteja aberto a reconstruir o conceito de sexualidade, não de acordo com os padrões considerados “normais” pela sociedade, mas focado no respeito à diversidade do ser humano.

A escola deve ser o espaço no qual a sexualidade é discutida abertamente buscando construir uma sociedade de paz na qual o sujeito seja respeitado em sua originalidade. Há que se desconstruir a noção de sexualidade heteronormativa reproduzida atualmente para se reconstruir novas noções de sexualidades que contemplem todos. A partir dessa reconstrução o educando poderá se tornar um cidadão ativo capaz de transformar a sociedade em que vive buscando a garantia dos seus direitos sociais.

2.3 Educação em e para os direitos humanos

Considerando que a formação do indivíduo perpassa tanto a sociedade em que ele vive, as especificidades da educação recebida no núcleo familiar, a convivência com outras pessoas no ambiente escolar, enfim, diversas influências que receberá durante toda a sua vida, antes mesmo do nascimento até a vida adulta, temos que entender de forma abrangente a formação de cada ser humano para que possamos atendê-lo de forma eficaz na escola. De acordo com Pulino:

Este “outro”, este desconhecido, que mesmo antes de nascer já tinha transformado as relações entre as pessoas e os sentidos e valores de suas ações, ao nascer vai se introduzindo efetivamente em nosso cotidiano, tornando-se um de nós, fazendo parte de nossa cultura, nos gestos, nos sons que emite, nas ações, nas palavras. E, é nesse jogo – do que a sociedade espera e permite que a criança seja, da imagem que construímos dela e de sua ação no mundo, de sua maneira de se constituir como, a um tempo, um ser original e um igual, que compartilha dos símbolos e valores da cultura a seu modo – que todo indivíduo se torna, ao longo de sua vida, um ser humano num determinado momento histórico, fazendo parte e construindo uma cultura, ocupando um lugar numa sociedade, que ele próprio ajuda a formar e a transformar. (PULINO, 2014, p. 4)

Podemos então inferir que se o indivíduo se constrói e é construído em nossa sociedade é atribuição do professor procurar compreender os que se percebem diferentes do “padrão” estabelecido pela sociedade. Os educadores, de forma geral, têm a tendência de cobrar certos “comportamentos” dos alunos que são imposições sociais, limitando, desta forma, que o mesmo se apresente de forma original. Tentamos “encaixar” os estudantes de acordo com normas sociais sem considerar a formação do indivíduo, achando estranho quando os alunos fogem dessas normas. Acabamos por reproduzir preconceitos ao esperar

que os indivíduos tenham comportamentos de “acordo” com o sexo, idade, orientação sexual etc.

Por outro lado, um aluno que, por meio da educação, consiga fazer reflexões próprias, analisar as informações que recebe e aplicá-las em sua vida considerando a convivência harmoniosa entre todos e buscando uma sociedade justa e igualitária será um cidadão que possivelmente fará a diferença na sociedade. Segundo os Quatro Pilares da Educação desenvolvido por Jaques Delors a escola deve priorizar então uma educação que proporcione os conhecimentos acadêmicos, estimulando o aluno a buscar seus próprios conhecimentos e a utilizá-los em sua vida; que desenvolva competências que possam ajudá-lo a resolver problemas nas mais diversas situações, mas que acima de tudo privilegie a noção de colaboração e reciprocidade e de responsabilidade pessoal. Delors afirma que é necessário:

Aprender a ser, para desenvolver, o melhor possível, a personalidade e estar em condições de agir com uma capacidade cada vez maior de autonomia, discernimento e responsabilidade pessoal. Com essa finalidade, a educação deve levar em consideração todas as potencialidades de cada indivíduo: memória, raciocínio, sentido estético, capacidades físicas, aptidão para comunicar-se. (DELORS,1996, p.30)

A sociedade avança nas questões da busca de leis em defesa da igualdade de direitos, entretanto percebemos ainda uma enorme desigualdade na sociedade e dentro da escola. Logo, o ambiente escolar deve promover saberes que privilegiem a autonomia do indivíduo e que este indivíduo se reconheça como sujeito de direitos e seja protagonista na construção do seu conhecimento, da sua vida e das mudanças necessárias na sociedade. A educação deve ensinar o aluno a aprender a conviver, a respeitar a diversidade e a resolver conflitos de forma pacífica. E também a saber questionar a sociedade e os valores vigentes, assim como questionar a si mesmo. Para Candau:

Trata-se, portanto, de transformar mentalidades, atitudes, comportamentos, dinâmicas organizacionais e práticas cotidianas dos diferentes atores sociais e das institucionais educativas. [...]. No entanto, o enfoque metodológico deve sempre privilegiar estratégias ativas que estimulem processos que articulem teoria e prática, elementos cognitivos, afetivos e envolvimento em práticas sociais concretas. (CANDAU, 2007, p. 405)

Podemos perceber o quanto a educação ainda está distante de promover uma formação apropriada do indivíduo em relação aos Direitos Humanos. Dos quatro pilares da educação apresentados por Jaques Delors o *Aprender a conhecer* e o *Aprender a fazer* são enfatizados na escola enquanto o *Aprender a conviver* e o *Aprender a ser* são esquecidos

em detrimento dos anteriores. Há que se percorrer um longo caminho para uma educação ampla em e para os Direitos Humanos, entretanto há maneiras reais de se conseguir um avanço significativo na educação. Esta, pode ser, um dos meios mais eficientes de mudar a sociedade e estamos optando conscientemente por não utilizar a educação como um espaço de reflexão para a evolução do ser humano e para uma mudança real no mundo em que vivemos.

3. AÇÕES INTERVENTIVAS

A escola se apresenta como um dos espaços de maior convívio entre as crianças e adolescentes e se mostra como o local no qual o estudante irá encontrar com uma grande diversidade: de status social, crenças, valores, orientação sexual e visões de mundo. Assim, é neste ambiente que o estudante desenvolverá parte de suas ideias e compreensões que levará por toda a sua vida.

Neste sentido, o ambiente escolar deve se responsabilizar por promover e desenvolver conhecimentos que favoreçam a formação de indivíduos compreendam que a humanidade apresenta uma grande multiplicidade de formas de ser e de ver o mundo. E este indivíduo deve aprender a não só respeitar essa diversidade quanto reconhecer o valor da mesma.

Logo, as atividades apresentadas neste trabalho buscarão primeiramente reconhecer como os estudantes do CEF Miguel Arcanjo entendem a sexualidade e se percebem algum tipo de discriminação ou preconceito existente neste ambiente relacionados a este tema. Este reconhecer se dará por meio de uma roda de conversa no qual os estudantes serão convidados a refletirem sobre algumas afirmações ou perguntas que lhes serão propostas. Entretanto, o tema pode ser discutido livremente, ou seja, os assuntos ou reflexões que surgirem serão tão importantes para a análise quanto os apresentados pelo projeto.

Posteriormente, alguns conceitos e dados sobre sexualidade serão apresentados aos estudantes buscando a ampliar os conhecimentos que estes já possuem e proporcionar a reflexão sobre ideias preconceituosas e valores baseados nos padrões heteronormativos que a sociedade impõe sobre os indivíduos.

As atividades propostas a seguir foram retiradas do livro *Diversidade Sexual na Escola uma Metodologia de Trabalho*. Entretanto, as perguntas e afirmações utilizadas no presente trabalho, eram parte de dinâmicas propostas no livro e foram utilizadas neste projeto como proposta de tema para uma roda de conversa.

A atividade 2 também foi formada a partir dos conceitos disponibilizados no livro *Diversidade Sexual na Escola uma Metodologia de Trabalho* no capítulo *I Desconstruindo Mitos* na forma de texto.

ATIVIDADE 1 – Roda de Conversa

Objetivo: Debater questões associadas à diversidade sexual e preconceito de modo a observar como os estudantes enxergam a sua própria sexualidade, a sexualidade do outro e a forma como a sexualidade é tratada na escola e no ambiente em que vivem.

Material: Lista de perguntas e afirmações que poderão ser propostas como possíveis temas da Roda de Conversa.

Tempo estimado: 45 minutos

Passo a passo:

O responsável pela atividade deve explicar aos estudantes que lerá algumas afirmações ou perguntas e que os mesmos devem dar sua opinião e discutir livremente sobre elas. Em alguns casos o responsável pode pedir que o estudante justifique sua posição. Os alunos devem ser estimulados a falar e a discutir.

Perguntas:

- A orientação sexual, a cor da pele, os sexos podem definir o caráter de uma pessoa?
- As pessoas são tratadas de modo igual ou diferente por serem heterossexuais e homossexuais? Por que isso acontece?
- Se um/a amigo/a conta que é homossexual, como você reage? Por quê?
- É comum que a pessoa passe a sofrer discriminação ao se declarar homossexual. Há uma tendência das pessoas de se afastarem e até de agredirem quem sente desejo por alguém do mesmo sexo. Por que isso acontece?
- Quais são as formas de agressão que um homossexual costuma enfrentar? Quais são as formas de agressão que uma pessoa heterossexual costuma enfrentar? É diferente? Por quê? Explore com os/as alunos/as a agressão velada e a aberta.
- Viver situações de agressão como estas afeta a vida das pessoas? Como?
- Como nos sentimos quando somos vítimas de ações agressivas? E quando somos os/as agressores?
- De que maneira percebemos que cometemos um ato de agressão?
- Como podemos ajudar alguém que está ou que já passou por um tipo de agressão, como uma ameaça de surra? E em relação a xingamentos?
- Vocês já presenciaram alguma cena de agressão ou xingamento contra jovens LGBTs? O que aconteceu? Que atitudes vocês tomaram?

- Vocês já presenciaram alguma cena de agressão ou xingamento contra jovens LGBTs nesta escola? O que aconteceu?
- Quais são as normas que a escola tem para que uma agressão não aconteça? Quais são as punições que podem ocorrer?
- Existem, nesta escola, projetos que abordem o tema da sexualidade?
- Vocês consideram importante ter projetos que abordem o tema da sexualidade na escola? Por quê?
- Algum professor já se disponibilizou a conversar com vocês sobre este tema?
- De que maneira podemos ser, em nosso dia-a-dia, menos preconceituosos/as? Que ações concretas podem ser adotadas?
- O que podemos fazer coletivamente aqui na escola para evitar agressões e xingamentos contra jovens LGBTs?

Afirmações:

- As pessoas podem escolher ser homossexuais, bissexuais ou heterossexuais.
- Um menino que foi criado por um pai homossexual tem mais chance de se tornar homossexual.
- Um homossexual que queira se curar de sua homossexualidade deve procurar um psicólogo ou um líder religioso.
- Os/As homossexuais preferem ter relações eventuais, enquanto a maior parte dos/as heterossexuais prefere constituir família.
- Um casal homossexual pode adotar filhos.
- A aids é um problema apenas para os homossexuais, os drogados, os/as prostitutas/as e as pessoas que têm vários/as parceiros/as sexuais.
- A maior parte das mulheres que se tornam lésbicas foi abusada por um homem na infância.

ATIVIDADE 2 – Desconstruindo Mitos

Objetivo: Apresentar conceitos de sexualidade e sexo, assim como suas diversidades; propor a reflexão sobre como a sociedade reproduz e impõe o padrão da

heteronormatividade; sensibilizar o aluno para o reconhecimento e respeito da diversidade sexual.

Material: Datashow e imagens no PowerPoint com os conceitos a serem apresentados.

Tempo estimado: 45 minutos

Passo a passo: Apresentar aos alunos o material com os conceitos sobre sexualidade. Propor a discussão sobre as informações disponibilizadas.

Conceitos:

- A sexualidade e o sexo são diferentes?

De acordo com a OMS (Organização Mundial da Saúde, 1975), a sexualidade é parte integrante da personalidade de cada um de nós. A vivência da sexualidade é própria do ser humano, constitui uma dimensão da liberdade humana e está relacionada com a busca do prazer físico e emocional.

A vivência da sexualidade não se limita à relação sexual, pois envolve sentimentos e nos motiva a procurar o contato físico e afetivo, a intimidade de um relacionamento, podendo ou não haver reprodução. Nesse sentido, a nossa sexualidade é um processo que se inicia em nosso nascimento, vai até a nossa morte e envolve, além do nosso corpo, nossa história, nossos costumes, nossa cultura. Já o sexo refere-se às características físicas ou anatômicas que distinguem o macho e a fêmea, isto é, remete a questões biológicas de cada pessoa.

- Por que hoje se fala em orientação sexual e em identidade de gênero, para tratar das questões da sexualidade e da diversidade sexual?

Porque os dois conceitos estão intimamente relacionados a essas questões. É bom lembrar que não são a mesma coisa, apesar de estarem muito próximas! A orientação sexual é o sentimento de atração afetiva ou sexual que temos por uma ou várias pessoas. Os seres humanos podem legitimamente se interessar sexualmente pelo sexo oposto, pelo mesmo sexo ou ainda por ambos os sexos. Serão, respectivamente, heterossexuais, homossexuais ou bissexuais.

A **identidade de gênero** refere-se à experiência interna e individual do gênero de cada pessoa, que pode ou não corresponder ao sexo atribuído no nascimento. A identidade de

gênero inclui o senso pessoal do corpo, no qual podem ser realizadas, por livre escolha, modificações estéticas ou anatômicas por meios médicos, cirúrgicos ou outros. Lembremos, em especial, das pessoas transexuais masculinas e femininas e das travestis. Mas todos nós temos nossa identidade de gênero, pois trata-se da forma que nos vemos e queremos ser vistos, reconhecidos e respeitados, como homens ou como mulheres.

- O que é diversidade sexual? A homossexualidade faz parte da diversidade sexual?

Diversidade sexual é a expressão usada para designar as várias formas de expressão da sexualidade humana. Assim sendo, a **homossexualidade**, assim como a bissexualidade e a heterossexualidade, integra a diversidade sexual. A homossexualidade é a orientação sexual e afetiva por pessoas do mesmo sexo ou gênero [...].

A sexualidade é muito mais do que a relação sexual. Ela é parte importante do conjunto de aspectos do nosso ser e da nossa vida.

- O sexo biológico determina minha orientação sexual, ou seja, por quem vou sentir desejo afetivo-sexual?

Não é o **sexo biológico** que determina a orientação sexual de uma pessoa. A orientação sexual resulta de um processo complexo e espontâneo de constituição dos afetos e do desejo [...], para o qual contribui uma multiplicidade de fatores.

- Quem nasce com um pênis pensará e agirá como um homem? Quem nasce com uma vagina pensará e agirá como uma mulher?

Não necessariamente! A identidade de gênero se estabelece a partir de um processo dinâmico e complexo, que envolve aspectos genéticos, culturais e sociais, no qual as pessoas passam a se identificar com o masculino ou o feminino, não importando o seu sexo biológico. Uma pessoa nascida com o sexo masculino ou feminino pode formar uma identidade feminina ou masculina, tornando-se transexual ou travesti. Essas pessoas são as chamadas **transgêneros**. Isso nos faz pensar que a identidade de gênero não está estruturada necessariamente na imagem física que o indivíduo tem de si, ou seja, não segue necessariamente o seu sexo biológico. Essa identidade está enraizada na percepção que a pessoa tem de si mesma, em seus conceitos e sentimentos e na maneira de se sentir confortável num corpo masculino ou feminino.

- Todos os homens têm o mesmo jeito de ser masculino? Todas as mulheres têm o mesmo jeito de ser feminino?

Não. O comportamento masculino e o feminino resume-se a como cada um se sente e se apresenta para si e para os outros, sendo homem ou mulher. Essa identidade não depende do sexo biológico e forma-se a partir de comportamentos socialmente constituídos para o masculino e o feminino. São constituídos a partir das prescrições e normas estabelecidas pelos indivíduos, pela sociedade, pelo Estado, enfim, pela cultura. E podem ser muito diferentes de uma região para outra, de um Estado para outro, de um país para outro. Esse comportamento, essa forma de agir, é moldado pelas denominadas **normas de gênero**. O comportamento sexual é fortemente influenciado por essas normas, que estabelecem um modelo dominante de masculinidade e de feminilidade. Por exemplo, tomar conta de bebês é considerado atribuição feminina, uma vez que, para a nossa cultura, as mulheres são mais afetivas e delicadas para essa atividade. Apesar de, na atualidade, muitos homens participarem do cuidado com os filhos, de serem mais afetivos do que seus pais foram, ainda se espera que a mãe cuide das principais necessidades da criança, cabendo ao pai o sustento da família. O modelo heterossexual de família, baseado numa divisão sexual do trabalho doméstico, ainda é predominante. As normas de gênero expressam os costumes de um dado momento histórico e, por isso, podem sofrer mudanças.

- Existe alguma relação entre o caráter de uma pessoa e sua orientação sexual ou identidade de gênero?

Não. A orientação sexual ou a identidade de gênero de uma pessoa nada tem a ver com seu caráter. O fato de alguém gostar afetiva e sexualmente de uma pessoa do mesmo sexo ou do sexo oposto não a tornará mais ou menos honesta, mais ou menos responsável ou uma pessoa melhor ou pior.

- Toda orientação sexual é natural e espontânea ou é uma opção, uma escolha?

A pessoa homossexual não opta por ser homossexual, assim como o heterossexual não escolhe ser heterossexual, o mesmo acontecendo com os bissexuais. A orientação sexual é natural e espontânea, ou seja, ninguém acorda de manhã, olha no espelho e decide sua orientação sexual conforme seu humor ou estado de espírito. Basta pensar que, no mundo, segundo pesquisa da ILGA (International Lesbian and Gay Association), atualizada

anualmente, 83 países criminalizam a homossexualidade, punindo-a com detenção e outros meios, e 7 países, coma pena de morte. No caso do Brasil, a quantidade de crimes contra LGBTs é bastante alta, fruto da violência homofóbica. Frente a esses dados, alguém **optaria** por ser preso, torturado ou morto?

- A convivência com homossexuais pode influenciar alguém a se tornar homossexual?

Não. É impossível a qualquer pessoa, seja homossexual ou não, influenciar outra a ter a mesma orientação sexual que a dela. Um bom exemplo para entender isso é pensar que os/as homossexuais vêm de famílias heterossexuais. Se a orientação sexual fosse algo influenciado pelo convívio, então por que os homossexuais não são influenciados por seus pais?

- Existe alguma diferença entre as relações amorosas dos/as jovens heterossexuais e as dos/as jovens homossexuais?

A única diferença entre essas relações é que os/as jovens heterossexuais não precisam esconder suas demonstrações de afeto em público porque essas relações são consideradas normais. Além disso, eles não sofrem agressões verbais e/ou físicas quando o fazem. Os/as jovens homossexuais geralmente vivem suas relações clandestinamente, com medo de serem descobertos, discriminados e atacados, pois a sua orientação sexual os torna vulneráveis a situações de violência e exclusão.

- É correto usar o termo homossexualismo?

Não. O sufixo “ismo” torna o termo extremamente inadequado, pois o reveste de conotação negativa, atribuindo-lhe significado de doença, desvio, aberração. Basta notar que ninguém fala em sexualismo ou heterossexualismo. Daí a preferência pelos termos **homossexualidade**, **lesbianidade**, **bissexualidade**, **travestilidade**, **transgeneridade** e **transexualidade**.

A homossexualidade não é, como já foi classificada no passado, uma doença física ou problema psicológico. Em 1973, com base em estudos que demonstravam que ela nada mais é do que uma variação possível e legítima de manifestação do desejo sexual, a APA (Associação Americana de Psiquiatria) retirou-a do seu *Manual de Diagnóstico e Estatística de Distúrbios Mentais* (DSM). No Brasil, em 1985, o Conselho Federal de

Medicina passou a não considerar a homossexualidade uma doença mental ou física. Em 1999, o Conselho Federal de Psicologia publicou uma resolução que normatizou a conduta dos psicólogos diante dessa questão: “[...] Os psicólogos não colaborarão com eventos ou serviços que proponham tratamento e cura das homossexualidades”. O Conselho Federal de Psicologia, vale repetir, entende que a homossexualidade não é uma doença e, portanto, não deve ser tratada. O que os/as psicólogos/as podem fazer é ajudar a pessoa homossexual a conviver em harmonia com a sua orientação sexual.

- Posso identificar um homossexual pela aparência?

Muitos gays/lésbicas agem e se comportam de forma considerada “masculinizada”/“feminilizada” sem que isso interfira no seu objeto de desejo e muitos/as heterossexuais agem e adotam um estilo de comportamento mais “delicado” ou masculinizado, o que não interfere em sua masculinidade ou feminilidade.

O fato de um homem apresentar uma atitude considerada mais afeminada, em nossa cultura, e de uma mulher ter uma postura socialmente considerada masculinizada não significa que sejam homossexuais. Jovens de ambos os sexos e até mesmo crianças são estigmatizados/as pelo fato de seu comportamento não se ajustar aos padrões masculinos/femininos. Um menino que gosta de brincar com bonecas e uma menina que prefere lutar judô ou usar *shorts* a dançar balé ou usar vestido não serão necessariamente homossexuais na vida adulta. Muitas vezes esse tipo de estigmatização está relacionado à concepção que se tem de gênero. Para entender isso, pode-se usar uma situação corriqueira na escola: quando um menino, por exemplo, demonstra algum tipo de afeto ou chora ao cair, invariavelmente os coleguinhas o chamam de “mariquinha” ou de “mulherzinha”. Esse tipo de atitude não tem necessariamente relação com homossexualidade, mas revela menosprezo ao feminino e às suas representações. Ou seja, o que está sendo dito, no fundo, é: “Você é tão fraco como uma mulher”. Essa situação é muitas vezes reforçada pelo sistema educacional, que produz e reproduz uma divisão sexual de atividades e de espaços.

4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DO PROCESSO DE INTERVENÇÃO

A Roda de conversa foi proposta, primeiramente, para um grupo de dez alunos do 9º ano do Ensino Fundamental do período vespertino. A escolha de trabalhar com estudantes do período vespertino se deu pelos mesmos não terem sido alunos da pesquisadora e desta forma não serem influenciados em suas respostas por sua presença. No momento do convite aos alunos foi percebido certo desconforto dos estudantes com o tema Sexualidade, mesmo após ter sido esclarecido que não haveria nenhum tipo de pergunta íntima ou sobre a vida sexual do estudante.

Foi decidido, posteriormente, convidar um número maior de alunos já que houve um desconforto com o tema. O convite foi entregue para a turma toda, quarenta alunos, no intuito de conseguir uma adesão maior e ter uma boa participação na Roda de Conversa. No dia marcado para a realização da atividade dez alunos trouxeram a autorização dos responsáveis e somente seis alunas resolveram participar. A baixa participação dos alunos já demonstra que o tema Sexualidade é um tabu na escola. O fato de todas as participantes serem mulheres também é significativo. Na entrevista as alunas afirmaram que acreditam que os meninos deixaram de participar por medo de exporem suas ideias e opiniões sobre o tema e por poderem ser taxados de gays. Alguns alunos nem levaram a autorização para os responsáveis assinarem por não ficarem à vontade de falar sobre o assunto. Entretanto, as estudantes também afirmaram que os alunos que não participaram da pesquisa falam de forma frequente sobre sexo em sala de aula e que têm muitas dúvidas. Por fim, relataram que por aceitarem participar da pesquisa ouviram vários comentários maliciosos feito pelos meninos. Por meio de uma pesquisa realizada pela SEDF - Secretaria de Educação do Distrito Federal, com o apoio da RITLA - Rede de Informação Tecnológica Latino Americana sobre violência e convivência nas escolas do DF no Ensino Fundamental e Médio, Abramovay (2009) constata que existe uma porcentagem maior de rejeição a colegas homossexuais por parte de alunos do sexo masculino do que do feminino. De acordo com a autora, “Talvez aconteça porque, em uma cultura machista, a homossexualidade representa afronta à masculinidade/virilidade”. (ABRAMOVAY, 2009, p. 194).

De forma geral as alunas foram participativas e responderam às perguntas com tranquilidade. Na maioria das respostas podemos perceber posturas de enfrentamento à

homofobia, entretanto, em vários momentos observamos alguns conceitos e informações equivocadas.

Em relatos feitos pelas alunas foi possível perceber que elas já presenciaram e ouviram muitos casos de discriminação ocorridas com amigos e parentes LGBTs. Muitos dos fatos descritos ocorreram dentro da família. Casos de violência física e psicológica sofridos por amigos gays e lésbicas e situações de humilhação extrema ocorridos no ambiente familiar foram contados pelas estudantes. A casa, a princípio, deveria ser o local no qual o adolescente se sentiria seguro e acolhido. Entretanto, “é no próprio lar onde a opressão e a intolerância fazem-se sentir mais fortes” (MOTT, 2000, apud ABRAMOVAY, 2009, p. 197).

Há uma percepção geral de que o preconceito contra casais homossexuais masculinos é maior do que contra casais homossexuais femininos. Uma das alunas afirmou que o pai não aceita casais gays, mas tem menos preconceito quando o casal é de lésbicas. Quando questionadas sobre o motivo pelo qual isso acontece uma aluna respondeu que isso se deve ao machismo. Essa percepção foi bastante interessante, pois sabemos que o sexismo e a homofobia são formas de preconceito que estão interligadas. Segundo Branco e Oliveira, “Em última instância tanto a homofobia como o sexismo, são invenções culturais que contribuem para o contínuo processo de criação e manutenção de fronteiras simbólicas rígidas entre grupos sociais e indivíduos”. (BRANCO; OLIVEIRA, 2012, p.138). Outra maneira de se perceber o preconceito dentro do ambiente familiar se dá por meio da orientação, feita pelos pais e avós, ao boicote a programas que abordem o tema da homossexualidade nos meios de comunicação em massa. As alunas são instruídas a não assistirem programas que abordem esse tipo de tema, entretanto continuam assistindo por não partilharem da opinião dos responsáveis.

Uma das causas do preconceito homofóbico apontada por parte das estudantes e vivenciada no ambiente familiar e escolar é o fundamentalismo religioso. Houve certo conflito quando o tema da religião foi abordado porque duas das participantes frequentam a igreja assiduamente. Essas alunas defenderam que nem todas as pessoas religiosas são homofóbicas. No entanto, houve um consenso de que quanto mais religiosa é uma pessoa maior é a sua tendência a ser preconceituosa, principalmente pelo fato de seguirem o que está escrito na bíblia. Uma aluna afirmou que muitos alunos têm atitudes preconceituosas

porque ouvem dos pais religiosos que ser homossexual é errado. Logo, aprende-se a ser preconceituoso dentro do ambiente familiar, com o exemplo dos pais.

As situações de preconceito também ocorrem dentro do ambiente escolar. Há relatos de discriminação homofóbica no CEF Miguel Arcanjo. As alunas afirmaram conhecer casais de meninas que namoram na escola. Citaram um exemplo de homofobia vivenciado por duas alunas lésbicas que, após se beijarem no intervalo, sofreram *bullying* e perderam amigas por terem demonstrado afeto. Nesta escola é comum ver casais heterossexuais demonstrando carinho no horário do intervalo das aulas. Entretanto, se a demonstração de afeto for de um casal LGBT os alunos reagem com violência. Não houveram informações sobre casais de meninos na escola. Quando foram questionadas sobre o preconceito vivenciados pelos meninos afirmaram que nunca o tinham presenciado. A pesquisadora deu exemplos de atitudes discriminatórias que são consideradas como “brincadeiras” pela maioria dos estudantes, e refez a pergunta. Logo, as alunas entrevistadas relataram várias formas de discriminação sofridas pelos alunos. De acordo com Abramovay:

Nominar determinados atos e comportamentos como discriminatórios significa desnaturalizá-los e reconhecê-los como anômalos, sendo um passo crucial para o combate às diferentes formas de rechaço ao outro, na construção de ferramentas para a convivência nas escolas. (ABRAMOVAY, 2009, p. 189).

O preconceito vivido por eles pode ser observado no cotidiano, na forma dos meninos se tratarem, nas comparações de suas atitudes com comportamentos ditos “femininos”, na crítica ao aluno expressar emoções, chorar, demonstrar sensibilidade, no modo como o aluno se comporta, no tipo de roupa que ele usa, se ele anda mais com meninas do que com menino ou de acordo com o tipo de atividade física ele pratica. Logo, qualquer comportamento que seja diferente do que a sociedade estabeleça como “masculino” serve de motivo para que o aluno seja hostilizado. O resultado dessa violência, segundo as próprias alunas, é o isolamento e a depressão.

O CEF Miguel Arcanjo, não está preparado para o enfrentamento da homofobia, segundo as alunas entrevistadas. O aluno que sofre discriminação não tem a quem recorrer em caso de violência e não se sentiria à vontade de ir à direção caso a violência ocorresse. As alunas afirmaram que esses casos de intolerância nem chegam ao conhecimento da direção, apesar de ocorrerem com certa frequência. Não existem projetos na escola que

abordem o tema da Sexualidade. Esse tema é tratado, somente na aula de ciências, com enfoque específico no corpo humano. Entretanto, essa aula não é o espaço no qual o aluno possa demonstrar sua curiosidade sobre o tema da Sexualidade e fazer perguntas, apesar de demonstrarem ter muitas dúvidas. Um dos motivos apontados pelas alunas pela escola ignorar este tema é justamente o desconforto do professor em abordá-lo.

A partir das reflexões feitas durante a Roda de Conversa as estudantes fizeram algumas propostas para o enfrentamento da homofobia dentro do ambiente escolar como, por exemplo, a realização de palestras que tratem sobre o tema Sexualidade na escola; um atendimento mais acessível realizado por uma psicóloga; oficinas de dança, teatro e expressão corporal e apresentações de filmes com essa temática.

De forma geral as alunas fizeram reflexões importantes sobre como o preconceito homofóbico está presente na escola. Identificaram casos de humilhação sofrida por alunos LGBTs e se posicionaram contra esses casos. Afirmaram, a princípio, não terem presenciado muitas situações de discriminação em relação aos meninos, mas quando estimuladas a falarem sobre a forma que eles são ridicularizados perceberam que existem situações impregnadas de preconceito na escola. Refletiram, desta forma, sobre os padrões heteronormativos impostos pela sociedade. Avaliaram a influência da família na formação do aluno e concluíram que os mesmos se espelham muito nas ideias dos pais. Logo, se a família for homofóbica é muito provável que o aluno reproduza, sem refletir, as mesmas opiniões. Em alguns momentos apresentaram ideias equivocadas sobre o comportamento dos homossexuais, como se o fato de serem homossexuais os fizesse agir de determinada maneira. Outras vezes confundiram orientação sexual com opção, mesmo que tenham afirmado que ninguém tem poder de escolha em relação à orientação sexual. Reproduziram alguns preconceitos comumente disseminados na sociedade. Por outro lado, apresentaram uma boa capacidade de entender o lado do outro e de respeitar o que é diferente. Provavelmente, o fato de terem aceitado participar desta Roda de Conversa já as distinguem dos outros estudantes como pessoas mais abertas a informações e conhecimentos na área da Sexualidade.

Durante a realização da Atividade 2 – Desconstruindo Mitos as alunas participaram de uma apresentação expositiva de conceitos relacionados ao tema da sexualidade e puderam refletir sobre algumas dúvidas que se apresentaram na Roda de Conversa. Na avaliação da aula escreveram que as atividades propostas foram importantes para poderem

obter informações e fazer escolhas certas. Citaram amigos que tem dúvidas sobre o tema, mas não encontram ninguém para saná-las. E enfatizaram a importância de tratar deste tema dentro do ambiente escolar.

Como resultado desta Roda de Conversa podemos inferir que a escola está longe de ser um ambiente no qual o combate à homofobia é uma prioridade. Todas as relações sociais existentes na escola são permeadas por preconceito e as notícias de conflitos referentes à homofobia são alarmantes. Os estudantes buscam por espaços onde possam ser ouvidos, onde suas dúvidas possam ser esclarecidas e suas ideias possam ser valorizadas. Muitas vezes os estudantes reproduzem o preconceito por falta de acesso à informação. Esse acesso não fará uma mudança completa na sociedade, mas podemos orientar nossos jovens para que se tornem indivíduos que valorizem a diversidade. Enquanto a escola e os educadores se recusarem a trabalhar com este tema o Brasil continuará sendo o país no qual há o maior número de assassinatos de homossexuais por ano.

5. COMENTÁRIOS FINAIS

A escolha do tema dessa pesquisa se deu por perceber que entre os conflitos existentes dentro do ambiente escolar o que se refere à homofobia ainda é muito presente e o que menos gera ações interventivas que proponham a mudança dessa realidade. A discussão da Sexualidade ainda é um tabu na escola e o padrão heteronormativo é disseminado por educadores, pelos materiais didáticos, pela família e pela comunidade na qual o estudante está inserido. Ainda temos que considerar a forte influência da igreja na formação desses indivíduos, formação essa que se baseia em preceitos heteronormativos e que condena tudo que foge a esse modelo.

Por meio dessa pesquisa e da *Roda de Conversa* proposta como projeto interventivo houve a constatação de que os casos de homofobia são comuns dentro da escola e que a escola estudada não está, definitivamente, pronta para resolver este tipo de conflito. A verificação mais grave foi a de que o aluno que sofre a discriminação homofóbica está desamparado e não tem a quem pedir ajuda dentro desse ambiente. Desta forma, percebemos que quando a escola se nega a trabalhar com um tema tão presente e importante na vida dos adolescentes abre espaço para que ideias e conceitos equivocados sejam difundidos causando sofrimento e dor aos indivíduos que não se encaixam nos padrões estabelecidos. Esta situação é desastrosa pois transforma a escola, local de formação moral e intelectual, num ambiente de exclusão e de marginalização de uma parte da sociedade, fazendo com que a mesma não cumpra sua função de formar cidadãos capazes de reconhecer o valor da diversidade social.

Apesar da *Roda de Conversa* refletir todo o preconceito existente na escola também serviu para mostrar que parte dos alunos que lá se encontram, incluindo as alunas entrevistadas, querem que o ambiente escolar seja um local de respeito à diversidade. As opiniões dadas nesta entrevista revelaram posturas de receptividade e respeito às pessoas LGBTQs e solidariedade aos problemas vivenciados por essas pessoas. A aula *Desconstruindo Mitos* foi proposta para que as dúvidas mais específicas fossem esclarecidas e buscou desmistificar os tabus relacionados ao tema da sexualidade.

Essa experiência serviu tanto para demonstrar as violências sofridas pelos estudantes LGBTQs dentro da escola quanto para sinalizar que, por meio da informação, há a

possibilidade de buscar o respeito à diversidade e inserir temas relacionados aos Direitos Humanos no ambiente escolar. Mais do que isso, provou-se a necessidade urgente de se trabalhar com o tema da sexualidade e com a desmitificação de conceitos equivocados. Apesar das atividades realizadas serem simples e de curta duração há a possibilidade de se pensar, a partir dela, em ações mais efetivas e frequentes. Desta forma, contribuiremos para a formação de cidadão críticos, de um ambiente escolar mais igualitário, de uma sociedade mais justa apesar de vivermos em um país marcado pela desigualdade e pelas injustiças sociais. Ensinar o aluno a reconhecer essas contradições e a pensar em possibilidades de muda-las é a função primordial da escola e o acesso aos Direitos Humanos é o primeiro passo para que essa mudança se torne possível.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, Mirian (Coord.). **Revelando tramas, descobrindo segredos: violência e convivência nas escolas**. Brasília: Rede de Informação Tecnológica Latino-americana – RITLA, Secretaria do Estado de Educação do Distrito Federal - SEEDF, 2009.
- BRANCO, Angela Maria Cristina Uchoa de Abreu; OLIVEIRA, Maria Cláudia Santos Lopes de (Org.). **Diversidade e cultura de paz na escola: contribuições da perspectiva sociocultural**. Porto Alegre: Mediação, 2012.
- CANDAU, Vera Maria. **Educação em Direitos Humanos: fundamentos teórico-metodológicos**. João Pessoa: Editora Universitária, 2007.
- DELORS, Jaques. **Educação um Tesouro a Descobrir: Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI**. Paris, UNESCO, 1996.
- ENDJSO, Dag Oistein. **Sexo e religião: do baile de virgens ao sexo sagrado homossexual**. São Paulo: Geração Editorial, 2014.
- FOUCAULT, Michel. **A História da sexualidade I: A vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1998.
- FURLANI, Jimena. **Sexos, sexualidades e gêneros: monstruosidades no currículo da Educação Sexual**. Educação em Revista. Belo Horizonte. N.46. p.- 269-285. Dezembro, 2007.
- JESUS, Beto de e outros. **Diversidade sexual na escola: uma metodologia de trabalho com adolescentes e jovens**. São Paulo, Ecos, 2008.
- NASCIMENTO, Wanderson Flor do; DELMONDEZ, Polianne. **Sujeitos da Diversidade Cultural e da Desigualdade**. In: Curso de Especialização em Educação em e para os Direitos Humanos, no contexto da Diversidade Cultural. (Módulo II). Brasília: UnB/SECADI/MEC, 2014.
- PULINO, Lúcia Helena Cavasin Zabotto. **Tornar-se humano e os Direitos Humanos**. In: Curso de Especialização em Educação em e para os Direitos Humanos, no contexto da Diversidade Cultural. (Módulo IV). Brasília: UnB/SECADI/MEC, 2014.
- SILVEIRA, Denise Tolfo; CÓRDOVA, Fernanda Peixoto. **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

APÊNDICE

APENDICE A - Transcrição da Roda de Conversa

- A orientação sexual, a cor da pele, os sexos podem definir o caráter de uma pessoa?
Aluna 2. Não, porque eu acho que o que define a pessoa é o que vem de dentro da pessoa.
Aluna 4. O que importa não é a aparência da pessoa e sim o que ela é, o que ela é de verdade, o que ela demonstra pra gente, isso é o que importa. Ou você não vai ser feliz nunca se você for pela aparência.

- E quando a questão é a orientação sexual e não a cor da pele, vocês acham que o jeito da pessoa muda por ela ter uma orientação sexual diferente?
Aluna 3. Muda sim, porque quando a gente tem essa orientação a gente tem outra mente.

- Como assim?
Aluna 3. A gente pensa que sexo é uma coisa, mas quando a gente tem essa orientação a gente percebe que é outra coisa.

- Você acha que o caráter muda quando a pessoa é homossexual?
Aluna 4. Não, ela só vai gostar da pessoa com o mesmo sexo que ela, mas ela vai continuar sendo a mesma pessoa.

- As pessoas são tratadas de modo igual ou diferente por serem heterossexuais e homossexuais?
Todas as alunas. Diferente.

- Por que?
Aluna 3. Minha amiga mesmo é lésbica e ela sofre disso. Eu tenho uma amiga que estava assim, andando de mão dada com a namorada dela, aí chegou um monte de gente num carro e ficou gritando assim: falando pra elas crescerem, chamando elas

de lésbica, falando um monte de merda pra elas, xingando elas,,,,, perguntando se elas não tinha pai, falando um monte de coisas, xingando elas. Minha amiga ficou até sentida, ela tem até vergonha.

- E ela assume a homossexualidade dela pra família?

Aluna 3. Uhum, a mãe dela sabe, o tio, o pai dela sabe, todo mundo sabe que ela é.

- Por que será que isso acontece? Vocês todas falaram: sim, as pessoas tratam diferente quem é homossexual. Por quê?

Aluna 1. As pessoas religiosas tratam diferente né.

Aluna 5. Nem sempre é, são as religiosas.

Aluna 1. São sim.

Aluna 3. Normalmente são as mais religiosas.

Aluna 1. Normalmente é, porque não pode ter mulher vai namorar com mulher e homem com homem.

Aluna 3. Aí eles falam que tá com o diabo no corpo. Falam que vão pro inferno e que tem demônio no corpo da pessoa.

- Então vocês percebem o preconceito vindo mais de pessoas que são religiosas?

Aluna 1. É.

Aluna 3. É.

Aluna 6. Nem todas.

Aluna 1. Mas tem uma amiga da minha mãe que é religiosa e não aceita.

Aluna 6. Mas não são todas.

Aluna 4. Assim, eu acho que esse assunto sobre religião é o seguinte, se você é, por exemplo, evangélica e sua igreja não permite isso, não tem porque você ficar humilhando a pessoa que é homossexual, porque isso não vai levar você a lugar nenhum, cada um tem que ir pelo seu espaço, ninguém tem que ficar precisa ficar e sair espalhando pelo mundo “ó ela é lésbica”, todo mundo tá vendo, não precisa de ficar falando. Eu acho isso muito errado.

Aluna 2. Eu também acho isso errado.

- Vocês já viram alguém ser discriminado por ser homossexual?

Aluna 5. Não.

Aluna 6. Não.

- Vocês convivem com familiares ou amigos que são homossexuais?

Aluna 3. Tenho muitos.

- Como a família de vocês veem?

Aluna 3. Meu pai aceita lésbica, mas meu pai não aceita homem.

Aluna 4. Mas qual é a diferença?

- Boa pergunta.

Aluna 3. Minha mãe aceita, minha mãe aceita os dois, mas meu pai não, mas meu pai só aceita lésbica.

Aluna 2. Meu pai também.

Aluna 6. Meu pai também não gosta.

- Vocês acham que a sociedade tem mais preconceito com homossexuais homens do que com homossexuais mulheres? Por quê?

Aluna 2. Eu acho que é por causa do machismo.

Aluna 3. Pode ser. Eu tenho uma amiga que estava me contando o relato de um amigo dela que era gay, aí ela disse que o pai dele foi lá no colégio e pegou o menino beijando um menino e disse que espancou o menino. E fez o menino virar homem.

- E será que ele virou “homem”?

Aluna 4. Não adianta você bater na pessoa porque isso não vai mudar a opinião dela, então, ela vai continuar do mesmo jeito então não adianta você bater. É o jeito dela então a gente tem que aceitar.

Aluna 3. Cada um tem atração por uma pessoa, por outro sexo, tipo, tem meninas que tem atração por meninas, menino com menina e menino com meninos, cada um tem a sua atração.

- Vocês que são da igreja (alunas 5 e 6), vocês acham que neste ambiente as pessoas têm menos tolerância por quem é gay?

Aluna 5. Mas não são todas, são algumas.

Aluna 6. É, tem igreja que é normal.

Aluna 5. Mas acham que o certo é homem com mulher por causa de Adão e Eva.

Aluna 6. É, pois é.

- E o que vocês acham?

Silêncio (Risos).

- É difícil ter uma crença religiosa e pensar diferente dessa crença ou seguir o que essa crença determina e entrar em conflito com os colegas? Como é isso pra vocês?

Aluna 6. Eu acho normal.

- E se você tivesse irmãos que fossem homossexuais?

Aluna 6. Normal.

- E para você? (Pergunta destinada à Aluna 5)

Aluna 5. Também.

- Se um amigo conta que é gay, como vocês reagem?

Aluna 2. Eu ia adorar.

(Risos)

Aluna 6. Eita ferro.

Aluna 4. Porque por mais que ele seja gay a gente sabe que ele vai estar ali pra toda hora que a gente precisar dele.

Aluna 2. É um amigo normal.

Aluna 3. Eu tenho amigos gays também, que eles são amigos das minhas amigas, aí eles saem e eles são mó demais e eu gosto deles eu também apoio. Eles falam pra mim que os pais deles não querem eles só por causa da vizinha deles eles disseram que são bastante humilhados, que os pais deles chama eles de bichona, os próprios pais chama eles de bichonas, ficam xingando ele, falando se eles vão sair com

alguma puta, assim sabe, no sentido de homem, no sentido de homem se vestindo de mulher, ele são bem humilhados.

- E se você se encontrar com seu amigo que é gay e ele levar o namorado e eles se beijarem na sua frente, causa algum incômodo?

(Risos).

Aluna 6. Aí também...risos.

Aluna 3. Eu já vi então...eu já vi meus amigos e já vi minha amiga beijando menina, eu acho isso normal.

- Vocês viram que teve uma novela agora que teve uma cena de duas mulheres se beijando. Não sei se vocês perceberam que no facebook deu uma polêmica enorme, inclusive pessoas pedindo para boicotar a novela e deixar de assistir porque tinha esse beijo gay entre mulheres idosas. O que vocês acharam dessa polêmica?

Aluna 3. Se não gosta não assiste. Porque se a gente que está assistindo em casa a gente não tá incomodado então porque que eles vão querer colocar isso nas redes sociais, todo mundo viu, se ninguém reclamou é porque a gente acha isso normal, eles não tem que ficar pressionando a gente pra gente parar de assistir o que a gente gosta, isso que eu acho.

Aluna 2. Eles botaram isso por causa desses preconceitos, eu acho que eles botaram essas mulheres “véias”, não, idosas.

(Risos)

Aluna 3. Eles botaram isso na novela pra quebrar o preconceito.

- E quebrou?

Todas as alunas. Não.

- E na família de vocês, o que eles acharam?

Aluna 5. Minha vó achou um absurdo.

Aluna 1. Minha mãe falou pra eu não assistir.

Aluna 3. Um dia eu fiz uma tatuagem, minha tia ficou falando um monte de coisas, que eu ia pro inferno, falando um monte de coisas, aí eu falei bem assim: olha tia, você não se mete na minha história porque a casa é minha, o corpo é meu, eu faço o

que eu quiser com ele. Aí ela falou que é assim que começa, que eu ia pro inferno. Aí eu disse assim pra ela: olha tia, que sabe disso é Deus, não é a senhora.

Aluna 2. Isso não muda nada do jeito da pessoa, né.

Aluna 3. Pois é.

- Você falou que sua mãe falou pra você não assistir à novela. E você fez o que?

Aluna 1. Assisti.

(Risos)

- É comum que a pessoa passe a sofrer discriminação ao se declarar homossexual. Há uma tendência das pessoas de se afastarem e até de agredirem quem sente desejo por alguém do mesmo sexo. Por que isso acontece?

Aluna 4. Porque eles acham que só porque eles são heterossexuais eles também têm que ser, mas cada um tem o seu gosto. Aí as pessoas querem se intrometer demais na vida dos outros.

Aluna 1. Preconceito.

- Vocês têm familiares que são homossexuais?

Aluna 1. Eu acho que minha tia ainda vai se assumir.

(Risos)

- E você acha que ela não se assume por quê?

Aluna 1. Talvez por medo.

Aluna 2. É o preconceito.

Aluna 3. Tem medo da família não aceitar. Isso acontece bastante.

- Quais são as formas de agressão que um homossexual costuma enfrentar? Quais são as formas de agressão que uma pessoa heterossexual costuma enfrentar? É diferente?

Aluna 2. Verbal, física.

Aluna 5. E psicológica.

Aluna 2. Mais psicológica.

Aluna 4. O mais importante é que por mais que eles sejam agredidos, a gente tem que passar a mensagem de que sempre vai estar do lado deles, pra ajudar eles em tudo.

Aluna 1. Pois é.

Aluna 3. Tem mulher que muda quando apanha. Tem gente que para e muda, porque não quer ser mais gay por causa disso.

- A pessoa tenta mudar a orientação sexual dela pelo fato de ter sido agredida?

Aluna 3. Mas não adianta porque a pessoa sente atração. Aí quando ela vê, tipo quando um gay vê um homem que ele gosta e sente atração aí ele vai ficar doido, aí eu acho que ele não se segura.

Aluna 4. A gente tem que ser feliz, por mais que isso vá nos prejudicar muito, mas a gente só tem uma vida, se a gente não souber aproveitar a gente não vai viver nunca, feliz. Melhor viver com o preconceito do que viver sofrendo por não assumir que você é homossexual, eu acho isso errado, acho que é legal você assumir por mais que você sofra.

- Vocês já presenciaram algum tipo desse tipo de discriminação na escola?

Aluna 1. Na escola não.

Aluna 6. Não.

Aluna 5. Não. Até porque eles apoiam.

Aluna 3. Eu já. Duas amigas se beijando e as outras que estavam vendo falando: “Ai que nojo”.

Aluna 4. Vai ver o que elas fazem dentro do banheiro com os meninos, isso é que é nojento.

Aluna 2. Elas comentam como se elas nunca tivessem feito coisa errada na vida.

Aluna 1. Como se fossem inocentes.

Aluna 3. As minhas amigas daqui elas se beijaram, aí ficou todo mundo assim criticando. Tem até uma amiga da mina van que ela ficou chorando, ela ficou chorando e falando. Porque tipo, a minha amiga ela é lésbica e a minha amiga da van não sabia, e ela é bem religiosa também, aí ela ficou chorando. Aí essa minha amiga foi lá conversar com ela, ai ela deu um pulo e ficou xingando a minha amiga

de demônio, ficou falando “sai demônio”, ficou xingando ela. E não falou com ela nunca mais.

Aluna 4. Eu acho que as pessoas que tem preconceito deviam ter vergonha na cara.

Aluna 1. Deviam ir lavar roupa.

Risos.

Aluna 1. Deviam ir arrumar a casa porque não dá não.

Aluna 3. Eu achei isso muito desnecessário.

- E depois elas se entenderam?

Aluna 3. Hoje em dia elas se falam bem pouco, porque antes elas se falavam pra caramba. Mas agora nem tanto porque quando a minha amiga chega perto dela elas já pega distância.

- E em relação aos meninos, vocês presenciaram situações de preconceito?

Aluna 5. Não.

Aluna 6. Não. Também nunca vi ninguém se beijando na minha frente.

- Às vezes não é uma discriminação pelo fato do menino ser homossexual, mas já viram algum tipo de discriminação do tipo “para de chorar que você está parecendo uma mulherzinha”?

Todas as alunas. Já.

Aluna 2. Já, bastante. Na minha sala tem muito.

Aluna 1. Eles falam assim: “e aí seu viado, tá jogando igual uma bichona”.

Aluna 5. Quando eles querem jogar queimada eles falam que é bichona.

Aluna 3. Por jogar com as meninas, eu acho assim, o que que tem, se a pessoa que está jogando não está incomodada por que que eles têm que ficar incomodados?

Aluna 1. Talvez eles tá lá pra olhar, pra ver as meninas jogando, sei lá.

(Risos)

- Este ano algum amigo de vocês já sofreu preconceito por ter um comportamento diferente?

Aluna 1. Aqui não.

Aluna 2. Não.

- E nos anos anteriores nesta escola?

Aluna 4. Já falaram que um amigo parecia um viadinho só porque ele era mais quieto, na dele.

Aluna 3. As roupas também, por usar roupa mais justa.

- E o que pode acontecer com um aluno que sofre esse tipo de preconceito na escola?

Aluna 1. Ficar depressivo.

Aluna 3. Ficar preso dentro de casa, às vezes até querer se matar por causa disso.

- O que acontece com esse aluno dentro da escola?

Aluna 1. A pessoa se isola.

- Tem alguém preparado na escola para escutar esses casos de violência e interceder por essas alunas?

Todas: Não.

Aluna 3. Não mesmo, de jeito nenhum.

Aluna 1. Não estão preparados mesmo.

- Elas ficariam à vontade de ir para direção conversar com alguém?

Aluna 2. Eu acho que não porque eles nem iam querer escutar.

Aluna 1. Verdade, minha amiga mesmo não ia querer nem a pau ir lá. Ela ia ficar desconfortável.

- Então esse tipo de violência na escola não chega ao conhecimento da direção?

Aluna 3. Não.

Aluna 4. Não.

- O que vocês acham que a escola poderia fazer pra acabar com esse tipo de violência?

Aluna 6. Escutar assim, o que a gente tem pra falar. Conversar com a gente.

Aluna 1. Ter uma psicóloga aqui mais legal.

Aluna 3. Ou então devia ter uma palestra sobre isso.

Aluna 1. Igual àquela do HIV que teve aqui.

Aluna 3. No ano passado teve uma que foi legal sobre aborto, que a gente até chorou. Aquele lá foi bonito

Aluna 2. Nossa senhora, eu quase morri de tanto chorar.

Aluna 1. Os meninos que chorou foram chamados de bichona lá.

(Risos)

Aluna 4. Isso só mostra que eles têm sentimentos.

- O que vocês acham que teria que acontecer com essas pessoas que discriminam, humilham e xingam os alunos que são homossexuais?

Aluna 3. Eu acho que não adianta levar advertência nem suspensão, porque isso não é o certo.

Aluna 4. Eu acho que o essencial é alguém conversar com ele.

Aluna 3. É conversar com ele, explicar sobre isso pra eles acabarem com esse preconceito.

Aluna 4. E ouvir o que ele tem pra falar também.

Aluna 1. Tipo, se ele não gosta de homem com homem, ele vai ter alguma coisa pra não gostar. O pai dele pode ter falado que não gosta disso e ele ir pela opinião do pai dele.

Aluna 2. Se espelha na opinião da pessoa que convive com ela.

- A visão da família influencia a visão do aluno?

Todas: sim.

- Vocês acham que o preconceito pode estar acontecendo pelo aluno não ter informação? Por exemplo, ele não entender que a pessoa que é homossexual não escolhe ser homossexual?

Aluna 4. Porque a maioria que você for perguntar eles vão falar” porque meu pai disse que isso é errado”.

Aluna 2. É verdade, é a única resposta que eles sabem dar.

Aluna 1. E tem gente que diz que está escrito na bíblia, né.

Aluna 5. O que que foi que tá todo mundo olhando pra mim?

Aluna 4. Eu acredito em Deus e tudo e tal, eu acredito na bíblia, eu sei o que está escrito nela, mas gente, se a pessoa quer viver assim eu vou respeitar ela, é o direito dela, cada ser humano tem o seu direito. Eu não posso fazer nada, só vou ficar do lado dela pro que der e vier.

- Vocês já tiveram em alguns desses anos que vocês estudaram aqui alguma palestra ou alguma aula sobre orientação sexual?

Aluna 3. Já.

Aluna 2. Já.

Aluna 5. Eu já.

Aluna 1. Eu não.

- Em que aula vocês viram conteúdos relacionados a esse tema?

Aluna 2. Em ciências.

- O professor de ciências que abordou esse tema falou sobre a parte científica relacionada ao corpo, órgão sexuais, etc, ou falou abertamente sobre o tema da orientação sexual e sobre conceitos como homossexualidade, bissexualidade, heterossexualidade, transexualidade?

Aluna 3. Foi mais sobre o corpo.

Aluna 2. Palestras, essas coisas não.

- Tem algum professor da escola que tem liberdade para conversar com vocês sobre isso?

Aluna 3. Só a professora de matemática do ano passado que não tá mais aqui.

Aluna 1. Ela conversava com nós.

Aluna 4. E a professora de inglês. Tudo que você perguntar pra ela ela vai responder.

- Mas as perguntas partem de vocês ou ele trabalha esse tema em sala?

Aluna 3. É

Aluna 6. Muitos não ficam à vontade de ouvir certas coisas na sala de aula.

- Vocês consideram importante ter projetos sobre sexualidade aqui?

Aluna 1. Sim.

Aluna 4. Sim.

- Vocês têm dúvidas sobre este tema?

Aluna 2. Várias.

- De que maneira a gente pode ser menos preconceituoso no nosso dia-a-dia?

Aluna 5. Acho que você tem que respeitar o espaço, respeitar a escolha do outro.

Aluna 4. Se eles respeitam a gente porque que a gente não pode respeitar eles?

- O que a gente pode fazer coletivamente para evitar essas agressões e xingamentos contra pessoas LGBTs?

Aluna 4. Dança. Homossexuais geralmente gostam de Beyonce, eles gostam de dançar.

Aluna 1. Eles vão ficar isolados primeiro depois eles vão começar a se soltar.

Aluna 3. Teatro também.

Aluna 6. Acho que não devia ser obrigado a fazer mas devia deixar livre pra chamar a atenção de quem quer fazer.

Aluna 3. Podia ter também sessão de filmes sobre esse assunto.

- Agora eu vou ler algumas afirmações e quero que vocês me digam a opinião sincera de vocês sobre elas: As pessoas podem escolher ser homossexuais, bissexuais ou heterossexuais.

Aluna 3. Não.

Aluna 4. Eu acho que sim. Eu sou meia doida, todo mundo sabe, hoje eu sou hetero, amanhã eu posso querer ser lésbica eu posso querer ser bi, porque todo dia é uma ideia louca diferente na minha cabeça, então todo mundo faz escolha né.

- Mas será que o homem que é gay tem a escolha de gostar de mulheres?

Aluna 2. Não mesmo.

Aluna 3. Não. Porque tipo se aparecer um “viado” e ver um homem bonito, gostosão ele não vai resistir.

- Um menino que foi criado por um pai homossexual tem mais chance de se tornar homossexual.

Aluna 2. Acho que não.

Aluna 6. Não, nada a ver.

- Um homossexual que queira se curar de sua homossexualidade deve procurar um psicólogo ou um líder religioso.

Aluna 6. Não.

Aluna 4. Por mais que ele tente ele não vai conseguir, ele nasceu assim. Ele não vai mudar de uma hora para outra.

- Os/As homossexuais preferem ter relações eventuais, enquanto a maior parte dos/as heterossexuais prefere constituir família.

Aluna 1. Depende.

Aluna 3. Eu acho que sim, porque minha amiga estava namorando com uma menina, aí ela já quer outra menina. E ela tá namorando só tem uma semana.

- Isso não acontece com os meninos e meninas heterossexuais que vocês conhecem?

Aluna 2. Acontece.

Aluna 6. Acontece muito mais.

- Então será que essa é uma característica dos homossexuais?

Aluna 6. Não.

Aluna 4. Eu acho que é pela pessoa.

Aluna 2. É pela pessoa. Tem aqueles que são mais românticos.

Aluna 1. Aqueles que são mais safadinhos.

- Um casal homossexual pode adotar filhos.

Aluna 2. Sim.

Aluna 3. Sim.

Aluna 1. Deve né.

- A aids é um problema apenas para os homossexuais, os drogados, os/as prostitutas/as e as pessoas que têm vários/as parceiros/as sexuais.

Aluna 2. Eu acho que não.

Aluna 3. Eu acho que sim. Porque tem mulheres que tem relação com mulheres e aí elas vão procurar homens aí isso transmite.

Aluna 4. Mas isso é porque a pessoa não se protege, se ela se proteger ela corre menos risco de transmitir, não é porque ela é prostituta que ela transmite, é porque ela não soube se proteger direito.

Aluna 2. Tem muitas que tem que fazer exame de rotina também.

- A maior parte das mulheres que se tornam lésbicas foi abusada por um homem na infância.

Aluna 2. Não.

Aluna 1. Não sei.

Aluna 6. Acho que não.

- Eu entreguei o convite desta entrevista para a sala inteira, para os 45 alunos. Porque vocês acham que só vieram vocês?

Aluna 3. Pode ser vergonha né.

Aluna 4. De medo de vir aqui conversar e alguém da sala ficar espalhando o que eles disseram.

Aluna 1. Tem aluno dessa sala que é muito “zueiro”.

- Porque vocês acham que só vieram mulheres para esta entrevista?

Aluna 1. Porque nós é demais.

Aluna 2. Os meninos ficaram com medo de ser zuado, chamado de bichinha.

Aluna 3. Porque pode ter na nossa sala algum menino que é gay e a gente não sabe né, aí ele vai falando e se soltando e revela o segredo dele. E aí vão pensar que nós vamos espalhar o segredo dele pela escola todinha.

Aluna 5. Os meninos da nossa sala falaram assim” Hum, vocês gostam, né, de falar de sexo”.

Aluna 3. Pois é.

Aluna 6. Principalmente a gente que fomos as primeiras a entregar o papel, aí os meninos falaram isso pra gente.

Aluna 3. E também pra mim falaram foi muito.

Aluna 4. Mas assim, eles falaram isso mas a gente sabe que eles também praticam isso.

Aluna 5. Eles falam coisa pior na sala e tão com medo de vir aqui.